

Empate técnico

Especialistas em **marketing** eleitoral indicam que a tendência dos eleitores, neste momento em que os candidatos, mal saídos do combate do primeiro turno, ainda não formalizaram alianças decisivas para vencer o segundo turno, deve apontar 43 por cento de votos para Fernando Collor de Mello e 41 por cento para Luiz Inácio da Silva. A ser confirmado pelas primeiras pesquisas de intenção de votos, que logo estarão sendo divulgadas, esse corte no pensamento do eleitor médio indica o estabelecimento de um novo e perigoso empate técnico entre dois candidatos.

Diante de tal projeção de especialistas já em parte corroborada pela assessoria de Collor, que há tempos previa que fosse **Lula** o adversário, a mobilização teria de crescer em qualidade e quantidade, pois a luta seria cerrada e ferrenha. Collor não desejava **Lula** como oponente pois o respeita, na idade e na mensagem. Ambos na faixa dos 40 anos de idade, trarão à campanha um torneio de voluntariedade e audácia. Caso fosse Leonel Brizola o adversário, Collor estaria mais à vontade para combatê-lo, por significar o arcaico que ao ser condenado não infundiria sentimento de culpa.

Collor sabe que, suportando **Lula**, está uma corrente significante de símbolos ideológicos, místicos e políticos. Os 41 por cento de votos que o candidato do PT atualmente teria a seu favor são uma sinalização clara de que deve redobrar esforços, para potencializar seu coeficiente, de intenção, uma vez que um empate técnico seria dar espaços à

vitória de um candidato que dispõe de maior e mais fervorosa — até religiosa — militância, para a garantia da campanha e a boca-de-urna.

Ambos na verdade, polarizam as classes populares, de onde arrancaram suas extraordinárias votações. Parte do que receberam de votos — 45 por cento dos 68 milhões de votantes que não anularam nem deixaram em branco o seu voto — veio das classes “C”, “D” e “E”. **Lula** mostra ainda mais clareza quanto às suas procedências, pois grande parte de sua votação proveio dos grotescos do interior, fixando-se como preferido do ciclo da miséria, de Minas para cima. Em confrontos diretos, Collor só perdeu para **Lula** numa única Unidade Federativa — o Distrito Federal. Como a confirmar a tese, **Lula** impôs derrota a Collor em três capitais de Minas para cima: Recife, Salvador e Teresina. O candidato da Frente Brasil Popular torna-se o herdeiro dos desvalidos do Nordeste, embora tenha sido apenas o quarto em votos recebidos na grande capital dos nordestinos, São Paulo. Perde em todo o Sul, no Rio, e no Rio Grande do Sul chegando em terceiro, e no Paraná em quarto.

Mas não se deve tomar ao pé da letra, o primeiro turno. O segundo será um combate nas sombras, antepondo candidatos com reductos sociais silenciosos e tensos. Será uma revolução invisível de votos deflagrada desde o interior mais recôndito. Ninguém pode adivinhar o que virá dentro dessa urna de rebelião e drama.